

La Comédiathèque

# Happy dogs

Monólogo tragicómico

Jean-Pierre  
Martinez



[comediatheque.net](http://comediatheque.net)

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.  
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,  
deve obter a autorização do autor:**  
<https://comediatheque.net>

# Happy Dogs

**Jean-Pierre Martinez**

*Tradução pelo próprio autor*

Um homem que perdeu seus documentos devido a um mal-entendido investiga para recuperar sua identidade antes de se resignar a se tornar outra pessoa. Entre romance policial e fantasia. Um breve conto em primeira pessoa, tragicamente engraçado, que também pode ser apresentado como um monólogo teatral.

© La Comédiathèque

Faz um frio... que não é para deixar um cachorro lá fora. No entanto, já há vários cães em frente à porta fechada da Happy Dogs. Em sua maioria, são poodles. Brancos e pretos. Embora também haja outras raças. Eu não entendo muito de cães, mas sei que a maior parte da clientela dos salões de tosa são os cachorrinhos das senhoras idosas, assim como as senhoras idosas são a maior parte da clientela dos salões de beleza. Na verdade, esses poodles têm quase o mesmo corte de cabelo que suas donas. O mesmo casaquinho também. Eu não tenho nada contra poodles nem contra senhoras idosas, mas sou o único na calçada sem casaco. Como um idiota, pensei que não valia a pena. A Happy Dogs fica abaixo da minha casa e abre às dez. Pensei que só precisava descer e subir de novo. Mas já são dez e quinze e a porta ainda está fechada. Claro que eu poderia voltar mais tarde, mas já que estou aqui... A dona certamente chegará com as chaves, dando-nos uma desculpa tola: "Perdi o ônibus", "meu filho pequeno está com gripe" ou "minha mãe morreu ontem à noite". Minhas condolências, mas enquanto isso, estou congelando.

Eu sei o que vocês estão pensando: por que ficar na fila com menos cinco graus em frente a um salão de tosa quando você não tem cachorro? Eu mesmo vou ao cabeleireiro apenas uma vez por ano. E se tiver fila naquele dia, acredite, deixo para o ano seguinte. Então, se estou aqui, não é para flertar com as senhoras idosas. O que vocês acham? Não, estou aqui para pegar um pacote, simplesmente. A Happy Dogs é meu ponto de entrega. Hoje em dia, com a concorrência dos grandes centros comerciais nos arredores, os pequenos comércios nos centros urbanos precisam diversificar suas atividades. Assim, para resistir algumas semanas a mais antes de fechar definitivamente, também funcionam como pontos de entrega. Uma tabacaria, um pequeno supermercado, uma floricultura... Agora, você pode pegar seus pacotes assim que sair de casa. Pode ser em qualquer loja. Bem, talvez não em uma sex shop, uma peixaria ou uma funerária. Mas é bem prático, em vez de esperar em fila no correio. Claro, quando a dona abre a tempo, porque senão... No correio, pelo menos você espera em fila com aquecimento. E todos esses pobres cães também.

Um jovem com acne, e o capuz levantado, chega sem pressa, com uma expressão relaxada, suando apesar do frio polar. Ele tira lentamente um molho de chaves do bolso de seu casaco sem forma. Enquanto tenta desajeitadamente inserir as chaves uma por uma na fechadura sem tirar as luvas, ele nos diz que o despertador não tocou. Segundo ele, ele seria a vítima. Eu não sei se já houve ações coletivas contra os fabricantes de despertadores que se recusam a tocar. Deve ter dezesseis anos. Talvez dezoito. Ou talvez vinte. Eu não sou muito bom em adivinhar idades. Para os brancos, todos os negros parecem iguais. Para os velhos, todos os jovens têm a mesma idade. Este garoto é bastante alto. Um pouco obeso. Bem, não sei se você pode ser um pouco obeso, porque obeso já é bastante. Digamos, bastante gordo. Com cara de bebê. Também não tenho certeza se sei exatamente o que significa "cara de bebê", mas acho que descreve muito bem seu rostinho rechonchudo, meio escondido por um cabelo longo e oleoso. E bem, se preferirem ler páginas de descrições com um monte de palavras estranhas que o autor tomou o tempo de procurar no dicionário, voltem a ler Pessoa. Hoje em dia, quase ninguém abre os dicionários. Pesquisamos na Internet. Entre duas ortografias, escolhemos a que tem mais ocorrências, achando que essa deve ser a correta. Seguindo o princípio democrático de que a maioria nunca pode estar errada em relação à minoria.

Que um erro, quando é tão popular, acabará por se tornar a regra de amanhã. E que uma falta de gosto, quando adotada por uma elite, se tornará o novo padrão de elegância. É assim que, em certos círculos, acabamos usando mocassins com borlas. Sem meias.

O adolescente tardio usa botas de combate. Ele está vestido completamente de preto, com um estilo paramilitar. Toda a aparência de um viciado em videogames que anda pela vida como se fosse um jogo de guerra, com os olhos fixos na tela e o dedo no gatilho. Em resumo, ele tem uma aparência bastante estranha e preocupante. Eu o imagino em um campus universitário americano com uma metralhadora, atirando em tudo o que se move, começando pelos professores que o humilharam, os colegas que o intimidaram sem motivo e as garotas que ele perseguiu sem sucesso. Mas, você imagina um massacre em um salão de tosa? Já vejo as manchetes: Massacre na Happy Dogs: seis vítimas, incluindo três pequineses, dois dinamarqueses e um galgo afegão. A dona, de raça desconhecida, está entre a vida e a morte. Não seria muito sério. Até o Estado Islâmico se recusaria a reivindicá-lo. No entanto, a música dos Talking Heads ressoa na minha cabeça: Psycho Killer... O que é isso? Acho melhor sair correndo.

Finalmente, o psicopata encontra a chave certa. A porta se abre e todos os cães começam a latir em coro. Como eu era o primeiro, estou prestes a entrar logo atrás do porteiro, mas uma mulher me passa à frente, com a esperança de me ultrapassar. Eu não a tinha visto chegando. Ela também não tem cachorro. Eu bloqueio sua passagem. Desculpe, mas eu estava antes de você e estou com um pouco de pressa... Ela se afasta com um sorriso irônico. Eu provavelmente não pareço alguém que tem coisas urgentes a fazer. Desculpe, eu não sabia que havia uma ordem para entrar. Então eu entro na loja antes dela, seguido por uma matilha de cães furiosos. Sinto que estou participando de uma caçada, no papel do javali. Acho até que um desses vira-latas me mordeu nos tornozelos. Prefiro ignorar isso.

Assim que entro, sou atingido pelo cheiro nauseante que impregna até o papel de parede descascado deste triste salão de tosa. O cheiro de cachorro é pior do que o cheiro de cigarro. Não importa quanto você passe o aspirador para tirar os pelos, lave com desinfetante e borrife aromatizante de ambiente, nunca desaparece completamente. Você já entrou no carro de um dono de um pastor alemão? Mesmo que o cachorro tenha morrido há três meses, ainda cheira mal. Quero dizer, mesmo que o cadáver não tenha ficado no porta-malas todo esse tempo, ainda fede. Tento prender a respiração. Mas depois de um tempo, você precisa respirar. E sinto que minha permanência aqui excederá em muito minha escassa capacidade de prender a respiração. Só quero pegar meu pacote, sair desta loja para cães e voltar para a minha toca. Mas o perverso que poderia aliviar meu sofrimento não tem pressa de fazê-lo. Ele já desapareceu para a parte de trás da loja. Provavelmente para desligar o alarme e religar a máquina de café. Tenho tempo para olhar ao redor. Para evitar o olhar da mulher que acabei de empurrar, observo o equipamento em exibição, como se estivesse interessado na mercadoria. Acessórios de couro, colares com tachas, correntes, guias... Se eu não soubesse que estou na Happy Dogs, pensaria que estou em uma loja de artigos sadomasoquistas. Versão zoofilia, pelo cheiro de zoológico.

O assassino em série retorna com um sorriso comercial. Quem é o próximo? Imediatamente mostro o papel onde anotei o número do pedido que recebi por e-mail. Ele pega e dá uma olhada distraída. Então, um pacote em nome de... Ele levanta a cabeça. Há mais entregas? Isso me pouparia uma viagem de ida e volta. Com um ar triunfante, minha rival também levanta seu cartão como se fosse o número vencedor do último sorteio do Euromilhões. Ela me sorri com satisfação. No final, apesar da minha grosseria, nem sequer terei prioridade. Poderia ver os seus documentos de identidade, por favor? Entrego o meu com desconfiança, hesitando um pouco antes de soltá-lo. Ele puxa um pouco mais forte para arrancá-lo de mim, com um sorriso sádico. Ele sempre usa luvas. Será para não deixar impressões digitais em algum lugar? De qualquer forma, se eu quiser meu pacote, não tenho escolha. Ele pega nossos dois cartões, coloca-os no bolso e, antes de ir embora, dirige-se à multidão. A chefe chegará em breve. Ela cuidará de vocês. Os cães latem com mais força. Ainda não entendi se é para expressar sua impaciência para serem tosados ou com a vã esperança de evitar essa provação. Nem sempre é fácil entender os cães.

O gordo volta com dois pacotes de tamanhos mais ou menos equivalentes, empilhados um sobre o outro. Nossa, pesam bastante! O que tem dentro? Você acha que eu vou te contar, idiota? Não estamos na alfândega, e você não é policial. Minha competidora, mais gentil, ou querendo tomar vantagem definitiva sobre mim, informa que são livros. O tipo não parece interessado, obviamente. Nem tenho certeza se ele sabe ler. Ele coloca os dois pacotes no canto do balcão e tira seu terminal eletrônico para que assinemos o recibo. Enquanto luto para rabiscar uma assinatura mais ou menos legível na tela minúscula, usando uma stylus do tamanho de um cotonete presa ao terminal por um elástico curto demais, observo com preocupação os dois pacotes em equilíbrio instável. Ao voltar minha atenção para a tela, examino o resultado dos meus esforços. Pessoalmente, eu não reconheceria minha própria assinatura ali. Eu poderia ter feito uma cruz. Mas, aparentemente, ninguém se importa. É isso que chamamos de progresso. Um ruído surdo me distrai da tela. Os dois pacotes acabam de cair no chão. O adolescente com acne pega um deles e me entrega. Eu lanço um olhar furioso. Lembrou-lhe que isso é frágil. Espero que esteja bem embalado, porque senão... Ele responde com um tom irônico: O importante é que ninguém se machucou. É verdade que se um desses cachorros do tamanho de um rato grande tivesse recebido o pacote na cabeça, provavelmente seria sua última visita ao salão de tosa.

Com pressa para sair, já estou indo para a saída. O cara me chama com um ar zombeteiro. Seu cartão! É verdade, eu tinha esquecido. Por que ele teve que levar meus documentos para os fundos da loja? Para quê? Para verificar minha identidade? E se eu tivesse enviado para mim mesmo uma bomba-relógio por correio expresso, configurada para explodir justamente agora? Pego o cartão, coloco-o no bolso e saio sem olhar para ninguém, com a caixa nos braços. Já estou na rua. A salvo. Dou uma grande respirada de ar fresco. Prefiro as partículas finas a esse cheiro de cachorro...

Subo imediatamente para o meu apartamento. Quinto andar sem elevador. É verdade que esta maldita caixa está pesada. Deixo-a na entrada. Deveria começar a trabalhar, mas não estou com vontade de abrir meu pacote agora. Primeiro vou tomar um bom banho para me aquecer. E vou trocar de roupa. Continuo a sentir o cheiro de cachorro. Mergulho na água fervente. Agora eu cheiro a cachorro molhado. Cachorro quente.

Deveria ter aproveitado para tomar um café enquanto estava lá embaixo, me teria despertado um pouco. Mas agora já estou nervoso o suficiente. Adormeço na água morna. E tenho um sonho estranho. Sou romancista. Ou serei quando escrever o meu primeiro romance. Para fazer bolos ou para desentupir canos, você vai para a escola e sai com um diploma de confeitiro ou encanador. É simples. Para ser romancista, não há diploma. Para ser autor, basta escrever um livro. Tornar-se autor é passar das páginas em branco para as páginas amarelas. De uma existência anônima para uma profissão reconhecida. Até que não tenha escrito nada, você é apenas um mitômano comum, culpado de praticar verdades alternativas ilegalmente. E até que tenha vendido um livro, é apenas um prostituto trabalhando de graça por falta de clientes dispostos a pagar pelos seus encantos. Por enquanto, sou apenas um desconhecido que precisa fazer um nome. E não tenho a menor ideia para meu primeiro romance...

Acordo na água fria. Quanto tempo dormi? Poderia ter me afogado. A polícia provavelmente concluiria que foi um suicídio. Morrer inadvertidamente depois de adormecer na banheira não é muito glorioso. Morreu como viveu: estupidamente. É melhor que as pessoas pensem que foi um acidente estúpido ou um ato final de liberdade? Mas por que estou falando no presente? Eu não estou morto, certo? Não, mas vou morrer se ficar mais cinco minutos nessa água gelada. Eu que queria me aquecer... Saio da água, seco-me e visto-me. Estou com fome. A geladeira está tão vazia que me pergunto por que ainda a mantenho ligada. Que horas são? Meu relógio parou. A pilha morreu. É curioso, a vida de uma pilha. Supostamente pode durar até cinco anos. Cinco anos. Como as eleições. O suficiente para esquecer as promessas não cumpridas. Mas não o suficiente para que desapareça a sensação de ter sido traído. Quando a pilha para, sempre me pergunto: quando foi a última vez que a troquei? Onde foi? O que eu estava fazendo? Com quem estava? Eu era mais vivo do que agora? Mais feliz? Quantas pilhas de relógio ou de marca-passo me restam antes de ser a última? Não tenho energia para descer até a tabacaria para comprar uma pilha nova. E seria melhor trocar o relógio direto. Quando se troca a pilha, geralmente o relógio deixa de ser à prova d'água. Não faço mergulho, mas se tiver que tirar o relógio toda vez que tomar banho... Peço uma pizza. Provavelmente já não é hora do café da manhã, de qualquer forma. Deveria começar a trabalhar. Não tenho vontade. Quando terminar de comer, vou pensar nisso.

Ligo a televisão enquanto espero. Ah, não... As eleições, justamente. As primárias do centro. Sete anões discutindo para ver quem terá o direito de beijar a Branca de Neve. Quando a única chance de estarem à altura seria empilhando-se uns sobre os outros. Dá vontade de voltar para a banheira depois de engolir um tubo de soníferos. Desligo a televisão. A caixa ainda está lá, na entrada. Estou prestes a abri-la, mas a campainha toca. É a pizza. Bem, ela não veio sozinha. Na porta, há um cara com capacete e uma caixa de pizza nas mãos. Não tenho dinheiro vivo. Posso lhe fazer um cheque? O cara me pede um documento de identidade. Precisa anotar o número. Definitivamente, não é meu dia. Todos duvidam da minha identidade, até os entregadores de pizza. Em breve, na tabacaria da esquina, o balconista me pedirá meus documentos antes de me servir um espresso.

O motociclista olha para o meu cartão com uma expressão suspeita. Depois olha para mim. Em seguida, para a foto novamente. Algum problema? Ele me devolve o cartão e vai embora, aparentemente com pressa. Que impressão estranha, um desconhecido com um capacete integral me pedindo para provar minha identidade, ali mesmo, na minha porta. Pensei que ele não me deixaria entrar na minha própria casa. Eu entendo o que deve sentir um mexicano parado por um policial de moto com documentos falsos na Rota 66. Ok, a Rota 66 não é para mexicanos, não é esse o caminho. Mas também não disse que tinha conhecimento especial de geografia. A Rota 66 é a única que conheço nos Estados Unidos. O que, o que tem no meu rosto? Dou uma olhada distraída no cartão que ele acabou de me devolver. E fico paralisado. Em vez da minha foto, está a de uma mulher de meia-idade...

Felizmente, pelo menos o cara concordou em me deixar a pizza. E me devolver o cartão. O que ele poderia ter feito com ele, afinal? Quero dizer, com a pizza. Requentá-la para outro cliente? Já é ruim o suficiente quando sai do forno pela primeira vez. Pelo cheiro, parece um pouco queimada. Requentá-la seria incinerá-la. Provavelmente ele pensou que eu era um maluco. Ou um transgênero. Com certeza foi por isso que ele me deixou a pizza. Para evitar ser processado por discriminação pelo movimento LGBT. Ou simplesmente queria sair rápido desta casa de loucos. Sim, é uma história de loucos. Quem é essa mulher? O que faço com o cartão de identidade dela e onde está o meu? Bom, não é tão difícil de adivinhar. Minha única saída do dia foi para a Happy Dogs. Aquele idiota deve ter me dado o cartão de outra pessoa. Quem sabe se ele não fez de propósito, o maldito sádico? E isso que eu estava sendo cuidadoso. Mas, bem... Como ele poderia ter sabido que ia me dar o cartão de identidade errado? Ok, provavelmente é um cartão verdadeiro, mas não é o meu. E o que muda isso? Tenho que voltar lá antes de fecharem.

Desço as escadas de quatro em quatro, furioso. No final, é uma sorte que o entregador de pizza tenha me pedido meus documentos, porque senão... Normalmente, a gente não passa o tempo verificando se sua foto mudou no cartão de identidade. Somos nós que mudamos, ano após ano, não a foto. Se você não se reconhece depois de um tempo, é porque ficou grisalho. Não porque a foto ficou amarelada. Mas agora, mudei de gênero. Eu poderia não ter percebido até meses depois. Na hora de pegar um avião. Não, é completamente irresponsável fazer coisas assim.

Abro a porta da Happy Dogs como se fosse um saloon do Velho Oeste. Pronto para sacar as pistolas. Onde está esse idiota? A senhora atrás do balcão parece não entender imediatamente sobre o que estou falando. Eu explico. Ela finge empatia sem realmente pedir desculpas. O maluco não está. Está em treinamento. Só trabalha de manhã. Ela olha para o cartão de identidade. Não é de uma cliente do salão. Então ela não a conhece. Apenas alguém que veio buscar um pacote, como eu, e talvez nunca mais volte. Uma casual, por assim dizer. Não uma cliente habitual, membro do clube canino e titular de um cartão de fidelidade. Não. Eles não têm o contato dela. E não têm como encontrá-la. Mas talvez ela volte quando perceber o erro. Sim, claro... Em seis meses ou um ano. Se ela não tiver morrido nesse tempo.

A comerciante olha para mim com uma expressão falsamente arrependida e vagamente suspeita. Tem a certeza de que é um erro? Tenho vontade de estrangulá-la. Mostro-lhe o cartão de identidade de uma mulher, e ela pergunta se tenho a certeza de que é um erro. Arranco-lhe o cartão das mãos. Não vou deixá-lo com ela, na esperança de que esta mulher volte para devolver-me o meu. Pelo menos assim tenho algo com que negociar. Porque, obviamente, ela está no mesmo problema que eu. Ela também está sem identidade. Quero dizer, sem o cartão de identidade. Deixo meu número com a cabeleireira de poodles, por via das dúvidas, e sugiro que escolha melhor os seus aprendizes. Ela murmura algo que prefiro interpretar como um compromisso nesse sentido. Saio de lá, sem me acalmar realmente. Não tenho escolha senão investigar por mim mesmo...

Aproveito para comprar uma pilha na tabacaria. Ainda é mais barato do que trocar o relógio. O ponteiro dos segundos volta a se mover. Tomo um café no bar. Uma mulher de certa idade está encostada no balcão, bem ao meu lado. O seu perfil me parece familiar, mas não consigo lembrar do seu nome. Será ela a mulher que pegou a minha identidade? Como posso saber? Faço de tudo para evitar cruzar olhares com ela. Não me sinto à vontade para abordá-la e perguntar. Poderia ser ela. Ou qualquer mulher nesta cidade. Dou uma olhada no cartão. Um nome. Um endereço. Felizmente, ela mora no bairro. Pelo menos de acordo com o endereço nos documentos. Ela poderia ter se mudado. O cartão já é bastante antigo. Quase vencido. O café está morno. Odeio quando me servem café morno. Ou talvez eu tenha demorado demais para beber. Minha mente estava em outro lugar. Esta história começa a me obcecar.

A mulher que estava ao meu lado já está indo para a porta. Muito tarde para perguntar se ela não está com meu cartão de identidade na bolsa, em vez do dela. Ela se vira uma última vez, como se estivesse se despedindo da plateia antes de sair do palco. Agora lembro do seu nome. É uma atriz que esteve na televisão por anos. Embora agora cada vez menos. As atrizes, uma vez que passam de certa idade, são mais fáceis de reconhecer à distância do que de perto. Especialmente sem maquiagem. A realidade não favorece close-ups. A verdade é percebida melhor a certa distância. Quem é essa mulher? Não, não essa estrela em declínio. A mulher que roubou minha identidade. O barman lança-me um olhar irônico. E se ele também está envolvido? Começo a alucinar. Pergunto-me se estou com febre. Prefiro sair sem terminar esse café horrível aguado.

A primeira coisa que vejo ao chegar em casa é a caixa de pizza. Melhor comer algo. Embora agora a pizza deva estar fria também. E, portanto, ainda mais repugnante. O destino do universo, desde o seu nascimento até sua morte, é uma longa e lenta degradação do quente ao frio. Até aquele zero absoluto e imobilidade total, que é a morte de todas as coisas. Abro a caixa. Pedi uma pizza vegetariana. É uma pizza de atum. E parece que com extra atum. Odeio atum. Não suporto. Definitivamente, não é meu dia. Faço o meu melhor para remover a maior parte da cobertura e começo a comer. Enquanto mastigo esta pizza insossa, mais dura do que o papelão em que veio, olho para o desenho na caixa. Um pizzaiolo em verde e vermelho, com um chapéu de chef, colocando sua pizza em um forno tradicional com uma pá de madeira longa. Quando você come com o diabo, precisa de uma colher longa. Provavelmente ele deixou tempo demais no forno. Sinto que estou comendo carvão. Debaixo do irônico

"Bom apetite", está escrito à mão o nome do destinatário e o seu endereço. Fico de novo surpreso. É o meu endereço, mas não o meu nome. É o nome da mulher cujo cartão de identidade tenho. Mas isso é intolerável! Que tipo de intromissão é essa na minha vida? Sinto que o atum fica preso no meu estômago. Removi a maior parte, mas ainda ficaram alguns pedaços. Prefiro ir para a cama.

Acordo suado. É de noite. Que horas são? Meu relógio parou de novo. No final, não era a pilha. Teria sido melhor comprar um relógio novo. Tarde demais. Se eu comprar um agora, vão me vender a pilha também, e a velha será descartada. Só se desgasta se for usada, como dizem na publicidade. Claro. Não, simplesmente se desgastará ao mesmo tempo que a outra, e ao mesmo ritmo, mas para nada. Como um coração que bate apenas por uma vida inútil. Porque um impostor levou o resto do corpo. Com outro coração. Como um coração solitário que já tinha se resignado a um transplante, mas no final lhe dizem que o receptor encontrou algo melhor em outro lugar. Tenho que encontrar esta mulher. Procuro o endereço num mapa. Está a algumas ruas daqui. Olho o nome nas Páginas Brancas. Não há número de telefone. As Páginas Brancas... Fazem jus ao nome. Quem ainda deixa seu número numa lista telefônica hoje em dia? Amanhã irei ao endereço indicado. Veremos.

Não é um apartamento nem uma casa. É mais uma espécie de loja onde não há nada para vender. Ou um armazém com a vitrine do lado errado, dando para o depósito. Dentro, vejo duas secretárias, computadores e armários. Também alguns objetos decorativos, móveis pequenos de design original, candeeiros com formas curiosas e outros adornos. Não sei se estes objetos artesanais, ao contrário dos móveis estilo Ikea, estão realmente à venda e a que preço. Um negócio estranho. Não vejo ninguém lá dentro, mas as luzes estão acesas. Então está aberto. Espero um pouco no passeio, na esperança de que alguém chegue. O proprietário. Ou clientes. Mas, ao que parece, não há muita atividade. Menos do que na Happy Dogs, em qualquer caso. Não me sinto muito à vontade, dada a frieza do meu primeiro encontro com a gerente desta estranha loja. Por outro lado, não é como se eu estivesse vindo pedir um favor. Certamente ela também querará recuperar o seu cartão de identidade. Claro, se já percebeu que o perdeu.

Finalmente, uma porta se abre no escritório e aparece uma mulher. No final, ela não é tão má. De longe. Não saberia dizer a idade dela. Ótimo. Eu gosto de mulheres às quais não se pode atribuir uma idade. Na parte inferior da escala, se você consegue atribuir idade às garotas, está perto do crime. No extremo oposto, se consegue começar a adivinhar a idade delas, está perto de se tornar um gigolô. A mulher ideal, para mim, não tem idade. As jovens estão bem por cinco minutos. Mas não têm conversa. Principalmente, não têm senso de humor. Também não têm paciência. Não sabem apreciar um bom vinho. Bebem suco de uva. Ou Coca-Cola com vodka, e acabam vomitando por todo lado. As velhas, não sei. Prefiro não saber. Saberei em breve o suficiente. Por enquanto, gosto de mulheres de meia-idade, com as quais ir a um restaurante não é apenas uma formalidade, mas parte das preliminares. Porque, no final, temos que pensar no dia em que só nos restará o restaurante. Se nossos estômagos aguentarem. No pior dos casos, nos restará o prazer da conversa, acompanhado por um bom chá "Noite Tranquila".

Abro a porta da loja e entro. Sentada em frente ao seu computador, ela não levanta os olhos imediatamente. Provavelmente para mostrar que aqui não somos do tipo que pula em cima do cliente assim que ele chega. Estamos acima disso. Não vendemos aspiradores de pó. Na verdade, não vendemos nada. Aproximo-me com cautela, depois de fingir dar uma olhada na decoração, procurando desesperadamente por um item que tenha uma etiqueta com preço. Finalmente, ela se digna a olhar para mim e parece um pouco surpresa. Levanta-se. "Posso ajudá-lo em alguma coisa?" Ao contrário da atriz que vi no café, ela parece melhor de perto do que de longe. Mas eu não a reconheço mais. Gostaria de convidá-la para minha casa para um jantar romântico. Mas da primeira vez que a vi, na Happy Dogs, ela estava de muito mau humor. Quase ladrei para ela. Não se preocupem, é apenas uma metáfora. Não vou contar uma história onde, no final, o narrador acaba sendo um cachorro.

Honestamente, se não fosse pelo endereço, eu não teria certeza de que ela é a mulher que vi na Happy Dogs. Também não se parece muito com a foto no cartão, mas enfim... As mulheres mudam muito de aparência. Só precisam ir ao cabeleireiro. Além disso, pode ser uma foto antiga. Ou talvez ela também tenha recebido a identidade de outra pessoa há muito tempo sem perceber. E esse é o cartão que me deram por engano. É como se eu tirasse uma nota de dez euros do bolso e tentasse rastrear seu primeiro proprietário confiando apenas no design impresso. Uma nota é suja. Passa de mão em mão. Até cruza fronteiras. Um cartão de identidade, supõe-se que é pessoal. Só deve ser mostrado a profissionais autorizados. Um policial, um alfandegário, um médico... Você nunca deve se separar dele. Muito menos trocá-lo pelo de outra pessoa. Especialmente se essa pessoa não for do mesmo sexo que você. Tudo isso fica cada vez mais confuso na minha cabeça. Por um momento, já não tenho certeza do motivo de ter vindo aqui. Certo, ela é bem atraente, mas não o suficiente para me perturbar tanto. Ou talvez eu esteja mais carente do que pensava.

Começo a balbuciar uma explicação. "Costuma ir à Happy Dogs? Foi recentemente?" Ela parece cada vez mais perplexa. Se acha que isso é apenas uma desculpa para chegar perto dela, deve pensar que é a linha de entrada mais estranha que já ouviu. Não tenho certeza se essa originalidade joga a meu favor. Mas pareço tão patético que ela sente pena de mim. Ela deve pensar que sou um sem-teto. Ou um sem-documento. Ou um louco que fugiu de um hospital psiquiátrico, em busca de um pouco de conforto e calor humano na sua loja. "Quer um café?" Ela interpreta meu silêncio como um sim e me serve uma xícara. "Obrigado." "Açúcar?" "Não, obrigado." Eu disse isso para não incomodar. Mas odeio café sem açúcar. Ainda assim, tomo tentando não fazer caretas. Pelo menos, este está quente. Explico que perdi meu cartão de identidade. Já não tenho certeza se devo dizer que tenho o dela. "Por acaso, não o encontrou?" "Encontrar? Onde?" "Não sei... Na sua bolsa, por exemplo." Com a cara que ela faz, parece que não me resta outra escolha senão explicar um pouco mais.

Mas a porta por onde ela entrou se abre novamente e aparece outra mulher. Claramente, essa sala dos fundos tem ainda outra sala dos fundos. É assim por diante, talvez. Como bonecas russas. A loja, quero dizer. Bem, como bonecas, elas também não são tão ruins. Uma loira e uma morena. Não sei se elas também se encaixam uma dentro da outra. A primeira, a loira, expõe meu caso com certa compaixão: "O senhor perdeu seus documentos." "Uau, que curioso", diz a morena. Ah, sim? Ela explica que é artista

plástica. Tira fotos de pessoas anônimas e depois inventa suas histórias. Olho para as fotos. Um desses desaparecidos se parece um pouco comigo. E todas essas fotos têm um ar estranhamente familiar.

A morena olha para mim com certa insistência. Então, ela se interessa pelo rastro fotográfico de pessoas que não conhece. Fotos recuperadas de lixões ou de mercados de pulgas. Odeio mercados de pulgas. Tem um todo ano no bairro, no outono. Não há nada que se pareça mais com um aterro sanitário do que um mercado de pulgas. Exceto pelo preço. As pessoas de todas as cidades vizinhas alugam um espaço por uma fortuna e trazem seus descartes para vendê-los. Seus pratos velhos lascados, a roupa íntima do pequeno que cresceu, seu antigo computador. O pior é que vende. Às vezes pelo preço de algo novo. É muito pitoresco. E muito deprimente. Também tem uma feira. As feiras são muito estranhas. Totalmente fora de lugar. Mesmo quando eu era criança, já eram antiquadas. E não mudou desde então. Sempre as mesmas atrações. O mesmo algodão-doce. As mesmas músicas horríveis. O classicismo é o que nunca sai de moda. As feiras são o oposto: algo que nunca esteve na moda e que continuará sendo eternamente antiquado. E, no entanto, as pessoas continuam levando seus filhos, como se fosse um rito de iniciação. Assim é a vida, um aterro a céu aberto onde até o lixo está à venda. E o único entretenimento que te oferecem é um passeio numa atração uma vez por ano.

No início, não prestei muita atenção ao que ela estava me contando. Eu estava pensando nessa coisa de aterros. Ela está explicando sua abordagem artística. Ela recupera dos lixões da nossa sociedade os vestígios de indivíduos que essa sociedade descartou. Depois tenta devolver a vida a esses fantasmas. Uso isso para mostrar que estou acompanhando, antes que ela me faça uma pergunta à qual eu não possa responder. Eu sou o contrário, estou aqui, mas já não tenho vestígios. Pelo menos, não tenho um cartão de identidade com minha foto para provar que realmente existo. Começo a entender o sentimento de todos esses refugiados que chegam à Europa e, para evitar a deportação, se desfazem dos seus documentos de identidade. Eu, por outro lado, gostaria de encontrar meu cartão de identidade e voltar para casa. Elas sorriem. Não sei por que essas duas mulheres me recebem com tanta amabilidade e me contam suas vidas com tanta espontaneidade. Aqui, o ambiente é bom. Sinto-me como no paraíso. Sinto-me culpado por ter sido tão rude com uma delas, por uma questão boba de quem estava primeiro na fila. Por isso, fico um pouco envergonhado de voltar ao motivo da minha visita.

Por cortesia, pergunto à loira com o que ela trabalha. Afinal, ela é quem vim ver. Acho. Ela me conta que é vidente. Primeiro penso que é uma brincadeira. Ela tem senso de humor o suficiente para não se ofender. Eu digo, mulheres de meia-idade têm muito senso de humor. Bem, a declaração de sua profissão me esfria um pouco. Um romance com uma vidente pode se tornar bastante previsível. Viver com uma mulher para quem você não pode esconder nada e que ainda por cima sabe do seu futuro... Bem, ela nem percebeu que saiu com meu cartão de identidade. Isso me tranquiliza um pouco. Mas uma vidente, ainda assim. É um pouco como uma bruxa, não? Embora esta seja bem encantadora. Eu teria muito medo de que, durante a noite, ela me espetasse com agulhas em uma boneca de vodu para me punir pelas minhas maldades do dia, e até mesmo pelas do dia seguinte, que eu não poderia esconder dela. Ela pergunta com o

que eu trabalho. Para desafiá-la, e porque não sei o que responder, sugiro que ela adivinhe.

Ela gentilmente propõe ler as linhas da minha mão. Grátis, eu suponho. Não estou muito entusiasmado. Se algo terrível vai acontecer comigo, prefiro que seja uma surpresa. Mas deixo ela fazer isso. Ela pega minha mão. Será que era apenas um pretexto? Sua palma é quente e macia. Ela não diz nada. Fico um pouco desconfortável. Ela também, mas aparentemente não pela mesma razão. Más notícias? Não, mas não vejo nenhuma linha na sua mão. E isso é um mau sinal? Ela tenta desdramatizar. Bem, se você for escritor, não prevejo nenhum futuro para você... Ah, é? Por quê? Eu disse, não vejo nenhuma linha na sua mão. No final, o senso de humor dela é um tanto questionável. Exceto que não parece que ela esteja brincando. Na falta de linhas na palma da mão, espero que eu ainda tenha algumas impressões digitais...

Ela solta minha mão, um tanto a contragosto. Silêncio desconfortável. Ambas me olham com uma expressão de condescendência. Se é melhor causar inveja do que pena, acho que estou no caminho errado. Por outro lado, as mulheres gostam de cães de rua. Se eu tivesse que escolher uma companheira, não saberia qual escolher. Ou talvez ambas. De acordo, é um pouco clichê, mas enfim. Para que ser o narrador de uma novela se não puder fantasiar um pouco? Você nunca teve, num sonho, aquela sensação de perceber que está sonhando? E pensar: "Puxa, então posso fazer o que eu quiser". Sem consequências. O pior que pode acontecer é que eu acorde. Droga. E se elas estivessem juntas? Quero dizer, como um casal. Não sei se isso deveria me empolgar ainda mais ou me desanimar completamente. Provavelmente ambos. Acho que é hora de encerrar a conversa, se eu não quiser que tudo saia do controle. Rapidamente explico a possibilidade desse troca-troca de cartões. Provavelmente para se livrar de mim, a loira concorda em verificar.

Enquanto Mary Poppins explora as profundezas de sua bolsa, alguns cartazes contra a parede chamam minha atenção. Falam de um movimento vegano bastante radical. Do reconhecimento dos animais como pessoas. Da luta contra a exploração animal. Das torturas infligidas a esses pobres animais indefesos que deveriam ser nossos amigos. E de ações mais ou menos legais realizadas em todo o mundo para fazer respeitar seus direitos. Deduzo que este escritório também é a sede de uma associação ativista. Sua fachada legal. A morena nota meu espanto. "Você se interessa pela causa animal?" "Não especialmente." "Bem... Sim, mas..." Confesso que nunca pensei muito sobre isso até agora. Bem, é verdade que eu não como meus amigos. Na verdade, não tenho nenhum. Assim, a loira e a morena pelo menos compartilham as mesmas convicções, se não a mesma cama. "Se quiser se juntar a nós, é bem-vindo." Levo um momento para perceber que ela só está me convidando a me juntar ao seu movimento vegano radical. Nesse caso, fico um pouco menos motivado. Digo que vou pensar... Agora estou ansioso para sair daqui.

A loira tem o seu cartão de identidade. Portanto, não é o dela que tenho em mãos. Deve-se admitir que a foto não se parecia muito com ela. Mas enfim, as fotos. No meu cartão de identidade, eu parecia um terrorista em um cartaz de procurado. Um sinal premonitório? Assim, a vidente não estava errada. Ela não perdeu seus documentos. Espero que ela não esteja certa sobre sua previsão de minha total falta de futuro... Mas então, por que o endereço é o mesmo? Há um prédio acima. É o mesmo endereço. A

porta fica logo ao lado, na rua. Oito andares. Três apartamentos por andar. Isso dá vinte e quatro possibilidades. Obrigado, sei contar. De qualquer forma, agradeço a elas e vou embora depois de prometer vagamente que voltarei para comprar alguma coisa. Mas o quê?

Inspeciono as caixas de correio. Não vejo o nome que procuro. Mas pode ser que ela tenha se mudado desde que tirou o cartão de identidade, que já tem alguns anos. Começo a me perguntar se sou eu quem está um pouco desorientado. Difícil me confundir com o inspetor Colombo, se nem consigo encontrar meu próprio cartão de identidade... Ou talvez a troca tenha ocorrido com outra pessoa. Em outro lugar. Antes. Mas com quem? Onde? Quando? Como? E talvez até por quê? Sem mencionar a pergunta que começa a me atormentar: E se a dona da Happy Dogs tinha razão? E se não foi um erro?

Volto para casa com as orelhas para baixo e o rabo entre as pernas. Já não sei muito bem em que situação me encontro. Pior ainda, não tenho certeza de quem sou. Vamos, é melhor eu começar a trabalhar. Ou pelo menos tentar. Pego com pouca vontade o pacote que deixei na entrada. E aquele idiota que deixou cair no chão. Espero que nada dentro esteja quebrado. Mas suponho que para algo tão frágil, e a esse preço, deve estar bem protegido. Ainda assim, me surpreende que o pacote seja tão pesado. Devia estar cheio de poliestireno. E depois de abrir a caixa, só encontro plástico-bolha envolto em fita adesiva. Tenho um mau pressentimento. Não será droga, será? Corto o plástico com uma faca para ver o que há dentro. Falava de um presente, mas isto é mais uma bolsa surpresa... Não é nada do que eu pedi! Nem resina de cannabis, aliás. São livros... Não só esse idiota não me deu o cartão de identidade correto, como também me entregou o pacote errado.

Volto para a Happy Dogs, ainda mais furioso. Desta vez, acho que vou matar alguém. Há uma multidão na calçada, mas muito maior do que uma simples fila em frente a uma loja na hora de abrir. Uma sirene. Luzes piscando. A loja está cercada pela polícia. Os bombeiros também estão aqui. Fragmentos de conversas. Falam de um pacote suspeito. Que ninguém veio reclamar. Os artificieiros acabaram de chegar para explodi-lo. Isso começa a cheirar a problemas sérios. Ouço o som abafado de uma detonação. Será que foi o computador que eu pedi para escrever meu primeiro romance que os artificieiros acabaram de destruir heroicamente, arriscando suas vidas? Como no outro dia, o jovem psicopata chega com seu molho de chaves. Ele nem parece surpreso. A atriz que vi no café também observa a cena, entre outros curiosos. Eu poderia me identificar para as forças da ordem, é claro. Mas já é um pouco tarde para recuperar meu pacote. E me pergunto se é o momento certo. Prefiro sair antes que me peçam meus documentos. Principalmente porque não os tenho...

Antes de ir embora, pego um folheto do chão. É sobre um movimento chamado Frente de Libertação dos Animais de Estimação. Uma reivindicação? Mas por que na Happy Dogs? É um lugar onde cuidam dos animais, não é? Estamos longe dos laboratórios de experimentação animal. Seria como se, para protestar contra a exploração das massas, colocassem uma bomba em um centro de férias de um sindicato de trabalhadores. Ou se, para defender as pensões dos aposentados, atacassem um centro de talassoterapia.

Por outro lado, colocar casacos nos cães, levá-los ao cabeleireiro, às vezes até ao psicólogo... Não é um insulto à dignidade canina? Não sei, tento entender. A hipocrisia humana em relação ao mundo animal é incrível. Por um lado, temos os animais de estimação que tratamos como nossos próprios filhos. Muitas vezes melhor. Ou pelo menos tão mal quanto. Por outro, estão aqueles que consideramos apenas como carne. Como justificar esse duplo padrão, quando se trata de seres vivos e sensíveis igualmente evoluídos? Dizem que um polvo é mais inteligente que uma criança de três anos. E ainda assim continuamos comendo lulas à milanesa. Por que essa diferença de tratamento entre o porco, que dizem ser o animal mais próximo do homem, e o cão, que um dia foi um lobo para o homem? É uma forma totalmente injustificada de racismo animal, se você pensar bem. Os europeus ficam escandalizados porque os chineses assam cães. Os ingleses ficam horrorizados porque os franceses ou os espanhóis comem coelho, carne de cavalo ou coxas de rã. Os indianos não comem vacas porque as consideram sagradas. Os muçulmanos e judeus não comem porcos porque os consideram impuros. Tudo isso não faz sentido.

E, depois, é certo que uma bomba, aqui, no centro da cidade, à vista de todos, tem mais impacto do que em um matadouro, no fundo de uma triste zona rural onde ninguém nunca vai. Por que você acha que os campos de concentração ficavam mais no meio das florestas? Para depois poderem dizer que não sabiam. Os matadouros são um pouco parecidos. Todo mundo sabe, mas quando chega a hora de comer um bife tártaro, ninguém quer saber. Volto a pensar nas duas mulheres da loja onde nada é vendido. Tenho dificuldade em imaginá-las com sangue nas mãos, mas enfim... Muitas vezes, a mulher muda. Terão elas algo a ver com esse atentado?

Volto para casa. Eu havia pedido material para escrever o manuscrito do meu primeiro romance: um laptop, algumas resmas de papel e cartuchos de tinta. Portanto, não tenho nada para escrever. Uma boa desculpa para continuar sendo preguiçoso... Examinei mais de perto o conteúdo do pacote. Inclino-me e pego um livro ao acaso. "As Páginas Brancas". Esse é o título. No entanto, é muito mais fino que uma lista telefônica. É uma piada! Olho para os outros livros. Todos são iguais. O nome do autor: é o meu! Ou seja, quero dizer, é o mesmo nome que está na identidade. A que me deram por engano. Ou não... Estou cada vez mais perplexo. E se essa identidade fosse realmente a minha? Mas eu não sou uma mulher. Pelo menos, eu acho. Há limites, afinal. Parece que estou ficando louco. Já não tenho noção do tempo. Olho novamente para os livros na caixa. Nesse caso, seriam exemplares do meu primeiro romance? Aquele que pensei que ainda não tinha escrito... Não estou seguro se devo tomar isso como uma boa notícia. É uma história incrível. E então, o que vou fazer com todos esses livros? Há pelo menos... Conto. Cem livros por pacote. Cinquenta pacotes! São cinco mil livros! O que diabos vou fazer com tudo isso? Nunca pensei realmente em escrever um best-seller. Teria impresso, no máximo, quinhentos. Já temo o momento em que a gráfica me enviará a fatura...

Corro até a livraria da esquina com um exemplar do romance, para que avaliem. Como um ateu que encontra uma hóstia e a leva a um laboratório para saber se realmente contém o corpo de Cristo. Ou pelo menos vestígios de carne humana. Na era da Internet, entrar numa livraria é como entrar numa igreja. É um ato de fé. Sabemos que Deus morreu, mas ainda queremos acreditar. Mostro à atendente a contracapa com a

biografia do autor: a mulher do cartão de identidade. Ela me explica que a conhece. É cliente. Uma atriz que mora no bairro. Claro! A mulher que vi no café! Provavelmente acabou de sair da Happy Dogs. É ela que eu empurrei na loja, não a outra. Definitivamente não sou muito bom em reconhecer rostos. Ou talvez seja muito míope. Ou muito amnésico. Ou tudo isso ao mesmo tempo. E este livro, será que poderia ser vendido? A funcionária responde com um tom condescendente. "Você sabe, a auto-publicação..." A dona se aproxima. Ela me olha com uma expressão estranha. Agradeço e começo a ir embora. Assim que saio, a livreira afasta a atendente para dizer algo em voz baixa olhando na minha direção. Saio sem perguntar mais.

Uma vez lá fora, viro-me uma última vez para a loja. Na porta de vidro da livraria, há um cartaz. Um aviso de busca. Com a minha foto. Então, não serei o único a me procurar. Alguém que encontrou meu cartão de identidade e quer devolvê-lo para mim? Isso se faz com gatos ou cães. Aproximo-me para ler. É um retrato falado. Do suposto autor do atentado na Happy Dogs. Um perigoso terrorista, membro da Frente de Libertação dos Animais de Estimação. Atrás da vitrine, as duas livreiras ainda estão me olhando. Uma delas pegou um telefone. Corro para longe.

Chego em casa sem fôlego e fecho a porta atrás de mim, pensando por um momento que estou seguro. Mas mal entro e algo me intriga. Sinto como se houvesse uma presença. A polícia, já? Com cães policiais, aliás. Porque me parece sentir o cheiro de um pastor alemão. Uma rápida olhada permite-me verificar que nada está faltando. Até porque, com tão pouco que há aqui, para um ladrão levar algo seria um feito. Na verdade, este apartamento não é exatamente meu. É um subaluguel. Ou melhor, um apartamento que me emprestaram. Nunca vi o proprietário. Foi o inquilino anterior que deixou as chaves debaixo do capacho antes de ir embora. Mas acho que ele já não pagava o aluguel há muito tempo. Assim é como estou. Nem sequer estou realmente na minha casa, a polícia me procura e eu não tenho documentos. Ou sim, eu tenho um cartão de identidade, mas não é o meu. Faço minha inspeção até o quarto vazio que me serve de escritório. Também não falta nada lá. Pelo contrário... Meu velho computador, que quebrou depois de pegar um vírus, voltou milagrosamente a funcionar. Ele está lá, sobre a tábua sustentada por dois cavaletes que me serve de mesa de trabalho. A tela está acesa. Há uma pasta aberta. Leio. Só tem um título: "As Páginas Brancas". Tenho um mau pressentimento...

Volto para o corredor e pego um livro ao acaso. "As Páginas Brancas" é o título do romance. Abro o livro. Todas as páginas estão em branco... Como se de repente todos os nomes de uma lista telefônica tivessem desaparecido. Ou um livro que ainda precisa ser escrito. Mas, quem o fará? Os livros já são difíceis de vender quando há algo escrito nas páginas. Volto ao computador e saio do arquivo que está aberto para verificar se existe outro arquivo na tela inicial do computador, com o texto completo do romance. Sem esquecer de salvar este, nunca se sabe. Mas, salvar o quê? Além do título, está vazio. Que título inútil. Isso não vai me ajudar muito.

É neste momento que a atriz entra em cena. Não em pessoa, não. Mas ali, na imagem de fundo do meu velho computador ressuscitado dos mortos. O rosto dela aparece na tela bem na minha frente, como num espelho, levemente em relevo. Parece que vai falar comigo. É uma imagem em preto e branco. Um pouco borrada. Uma foto sobrenatural e fantástica, do tipo que já vi naquele estúdio de fotografia ultraterrena e seu súcubo

contador de maus presságios. Talvez, além de colocar bombas durante o dia, à noite, em sua parte traseira, essas matrioscas façam os computadores funcionarem. E são elas que, à distância, fizeram aparecer na minha casa o holograma do autor desaparecido deste livro que ainda está por ser escrito... Quem é esta mulher que me encara? Será o fantasma dela que vi no café? Então ela mora comigo? Ou morou aqui antes? A menos que seja eu quem mora com ela... Não me atrevo a dizer quem vive nela... Será possível que esta mulher seja a verdadeira autora deste romance do qual eu mesmo sou apenas o narrador? Eu que queria evitar cair na "nova novela", consegui. Pelo menos não sou um cão. Embora...

Meu relógio voltou a funcionar. Os cães não usam relógio. Isso me tranquiliza um pouco. Embora alguns usem casacos para ir ao cabeleireiro. Em cinco anos, talvez, eu tenha conseguido preencher todas essas páginas em branco, me tornar conhecido e vender esses cinco mil livros. Escrever a minha vida, ou a de outra pessoa. Como um sonho acordado. Porque até agora, minha vida... Por isso esse idiota quis trocar os cartões. Os cartões de identidade. Este é meu primeiro romance. Primeira história. Não tenho certeza se haverá um segundo. Você não se torna um autor apenas preenchendo páginas em branco com ideias sombrias. Abro a janela de par em par para deixar a luz entrar, e contemplo os edifícios em frente. Atrás de cada uma dessas janelas, há um nome na lista telefônica. Uma identidade falsa. Fecho os olhos. A impressão dessas janelas fica gravada na minha retina. Inclino-me um pouco mais. Uma sensação fugaz, a sensação de cair para dentro. Antes que a memória se desvaneça completamente e eu atinja o fundo, tento entrar por uma dessas janelas, em uma vida possível... Esperando que não seja uma vida de cão. Abro os olhos novamente. Ainda estou vivo. Bem, pelo menos tanto quanto posso julgar.

Preciso sair. Pelo menos para fazer compras e encher a geladeira. Caso contrário, morrerei de fome, e todos os meus problemas estarão resolvidos. Só há um problema. Quando a polícia está te procurando e você não tem documentos em ordem, sair de casa é arriscado. Só vejo uma solução se eu quiser continuar vivo. E livre. Tornar-me essa mulher. Já que este cartão não corresponde à minha identidade, adaptarei minha identidade para coincidir com esse cartão. Isso resolverá dois problemas ao mesmo tempo. Terei documentos e um histórico limpo. Mesmo correndo o risco de criar algumas complicações inesperadas, mas a essa altura... Vamos ver. Até agora, eu fui um viajante tentando atravessar a América com um mapa de Portugal. Claro que eu não encontrava a Rota 66. Que risco corro ao tentar pegar outra estrada?

Vou até a porta do closet e a abro. Como a mulher de Barba Azul, não era para abrir certas portas. Especialmente a do closet. Não é exatamente o quarto de que eu precisava, dada a extensão do meu guarda-roupa. Será que vou encontrar cadáveres de mulheres neste armário? As esposas anteriores do dono... Aí sim estaria encrencado. O closet está cheio de roupas femininas. Eu não sabia que o dono era uma mulher. Ela deixou algumas de suas coisas aqui, bem organizadas em prateleiras ou penduradas no armário. Vou dar forma a essa existência possível. A dela. Seria quase emocionante. Quem nunca sonhou, alguma vez, em trocar de pele?

Assim, hoje começo uma nova vida. Uma vida de mulher. A vida dessa mulher que eu terei de reinventar, já que não sei nada sobre ela. Sempre é melhor do que uma vida de cão. Bom, isso ainda precisa ser comprovado. O que vou vestir para sair à rua? Vou começar indo ao cabeleireiro para mudar o visual. Depois, talvez, quando eu for um pouco mais velha, terei um poodle e comprarei um casaco para ele. E, como uma verdadeira cliente, de cabeça erguida, voltarei à Happy Dogs. Mas por enquanto, tenho um livro para escrever...

Ainda não comecei a escrever o romance da minha nova vida. E quanto a marcar horário no cabeleireiro, por agora prefiro optar por uma peruca. Enquanto isso, até que meu cabelo real cresça um pouco. Não será fácil, porque tenho pouco cabelo. E tenho a sensação de que, depois da experiência que acabei de passar, tenho ainda menos. Felizmente, também havia duas perucas no closet de Barba Azul. Uma loira e uma morena. Parecem cabelo de verdade. Talvez sejam dos cabelos arrancados de suas últimas esposas, que foram curiosas demais. Optei pela loira. Mas não descarto mudar de cor algum dia.

Decidi correr o risco. Tudo ou nada. Vou voltar à Happy Dogs. Não tenho cão, mas vou dizer que estou procurando um presente para o meu. Pelo aniversário dele, por exemplo. Se não me reconhecerem lá, terei vencido. Poderei viver minha vida como uma falsa loira com documentos autênticos sem ser incomodada. Passo um pouco de maquiagem antes de sair. Um toque de maquiagem. Sem vulgaridade. É com os saltos que mais luto. Especialmente nas escadas.

Por enquanto, tudo vai bem. Na rua, ninguém me olha estranho. Ganho confiança e vou ao café. O barman me recebe com um "Bom dia, querida, o que vai querer?". Quase soa grosseiro. É um bom sinal. Bebo meu café morno e saio, satisfeita. Sinto-me como uma agente dupla. Em missão sob uma identidade falsa. No entanto, acho prudente não me arriscar mais por agora.

Para ser ainda mais convincente, decidi "pegar emprestado" um cão. Certo, o termo "pegar emprestado" merece uma pequena explicação. É um poodle, completamente preto. Deve ser menos sujo. Enquanto passeava pelo parque, vestida como mulher, o cão veio até mim, com o focinho molhado e a cauda balançando. Parecia não ter dono. Não estava atado a ninguém com uma coleira e não tinha identificação. Com a intenção louvável de evitar que fosse levado para um canil, talvez eu tenha concluído um pouco apressadamente que era um cão perdido. Embora quando fui embora com ele nos braços, acho que ouvi uma senhora gorda gritar atrás de mim. Preferi não responder e apressar o passo. O estrago já estava feito, de qualquer forma. Não podia voltar atrás. Outros poderiam chamar isso de sequestro. Mas não tenho intenção de pedir resgate. Só preciso desse poodle por algumas horas. Para dar boa impressão na Happy Dogs. É incrivelmente fácil sequestrar um poodle. Mais do que uma criança, em todo caso. E muito menos arriscado, provavelmente. E, além disso, o que eu faria com uma criança? Passado o primeiro momento de surpresa, este cão parece bastante dócil. Vou mantê-lo em casa por alguns dias antes de levá-lo para passear. Que ele se acostume um pouco. E eu também.

Começo a me afeiçoar a este cão. Ele quase não come. Dorme o dia todo. Não sei seu nome. Entre as sonecas, antes de voltar a dormir, ele me lança um olhar triste no qual

acredito ver certa cumplicidade. Pelo menos, espero que tenha bons sonhos. Ele é um pouco como eu, afinal de contas. Perdeu sua identidade. Desvinculado à força da única pessoa que poderia chamá-lo pelo nome: seu dono. Um novo nascimento, de certa forma. Tem que se cortar o cordão umbilical, cedo ou tarde. E esse cordão tinha a forma de uma coleira. Deveria dar-lhe um novo nome? Poderia dar-lhe o meu. Não estou usando agora. Chamo-o pelo meu nome. Ele responde. Aparentemente, posso chamá-lo como quiser, ele não se importa. Desde que depois lhe dê suas croquetes.

É nossa primeira saída juntos. Como não consegui roubar a coleira, mantenho o poodle com um pedaço de corda. Espero não ter apertado demais o nó de correr do seu novo cordão umbilical. De qualquer forma, ele parece entender que não deve puxar muito a corda. Desta vez, vou direto para a Happy Dogs. Ao entrar, o cheiro me parece um pouco menos forte e menos desagradável do que da primeira vez. Quase familiar. Talvez porque já faz um tempo que estou vivendo com um poodle. Sinto-me em casa aqui. Como se estivesse voltando para casa. Ou melhor, para o canil. Eu devia ter sido um cão em outra vida. Pelo menos agora, sei como poderia ser uma vida de cão.

O aprendiz está aqui. A chefe também. Então ela não considerou necessário demitir aquele filho da mãe. Ou talvez ele seja seu filho. Ou seu amante. Algumas senhoras aguardam sua vez para o asseio. Bem, o dos seus cães. Não há reações particulares quando entro na loja, além de um vago "Bom dia, senhora". Ninguém parece me conhecer. Nem me reconhecer. Aos olhos dessa respeitável comerciante, sou uma cliente comum. Além disso, com a promessa de me tornar uma cliente regular. Olho para as coleiras e colares, para o meu poodle. O jovem gigolô passa por trás de mim, quase me tocando. Ele me sussurra algo ao ouvido com um olhar lascivo. "Procura algo em particular?" "Obrigada, estou só olhando." Um depravado, eu lhes digo. A chefe continua como se nada tivesse acontecido. Provavelmente espera que eu morda a isca antes de me pegar. Ela mexe em seus papéis. Pega o telefone e liga para um número. Estranhamente, meu celular começa a vibrar imediatamente. Talvez eu tenha ido longe demais. Uma ligação e pronto, caí na armadilha. "Bom dia, senhor, tenho uma boa notícia para você." "Sim", respondo. "Encontramos seu cartão de identidade. A senhora nos trouxe. Deveria passar pela loja para buscá-lo." Balbucio uma resposta o mais curta possível, cobrindo a boca com a mão. E desligo o telefone.

Suor frio. Sinto-me como um peixe arrancado abruptamente da água, com metade da boca arrancada. Antes de ser devolvido ao mar em um ato de generosidade em relação ao reino animal. Portanto, ainda tenho dificuldade em avaliar as consequências dessa ressurreição, tão repentina quanto inesperada, da minha identidade original. Ainda em estado de choque, ouço as conversas. O atentado com um pacote-bomba foi reivindicado pela Frente de Libertação dos Animais de Estimação. E duas mulheres foram presas. Pelo menos, estou fora de suspeita neste caso. Aliás, notei que meu retrato falado não está mais colado pela cidade. No entanto, vejo de repente, colado contra a parede, atrás da chefe, outro cartaz de busca. Por um poodle preto que se parece estranhamente com o que tenho comigo. Há uma foto, mas enfim. Nada é mais parecido com um poodle preto do que outro poodle preto. Posso sempre pintar o meu de branco. De qualquer forma, ninguém ainda reconheceu meu cão como a estrela principal desse alerta de sequestro. Mais provavelmente, é a corda que, estranhamente, parece incomodar as outras clientes. É preciso dizer que o pobre animal está quase

sufocando. Solto um pouco o nó ao redor do pescoço dele. Escolho uma coleira de couro e uma corrente combinando. Pago e estou pronta para sair.

É então que uma mulher irrompe na loja como uma fúria. Preciso dizer que ela é realmente obesa. Pergunto-me como conseguiu entrar tão rápido pela porta. Aponta um dedo acusador na minha direção e me confronta com um tom feroz: "Mas esse é meu cão! Youki!" O poodle sai do seu torpor e levanta a orelha. Parece que esse nome soa vagamente familiar para ele. Começa a latir, primeiro suavemente, depois um pouco mais alto. "Youki! Sou mamãe!" Todos os outros cães também começam a latir. E as senhoras idosas começam a gritar comigo com um ar ameaçador. Se eu ficar aqui, elas vão me linchar. A mulher continua gritando: "Youki! Youki! Vem, meu Youki!" Esquecendo o nó de correr que está ao redor do seu pescoço, o poodle salta em direção à sua antiga dona. Enquanto a corda estica bruscamente como a corda de um arco e o nó aperta repentinamente ao redor da carótida como uma forca, o poodle fica imóvel no meio do salto antes de cair pesadamente no chão. Começa a gemer e a ter convulsões. A mulher está prestes a desmaiar. "Oh, meu Deus, Youki!" A chefe se apressa para segurá-la enquanto ela cai para trás, enquanto o gigolô corta a corda do enforcado com um rápido golpe de cortador, arriscando também cortar suas cordas vocais. Aproveito a confusão geral para pegar minha carteira de identidade, que vejo no balcão junto com o meu troco. E saio correndo, apesar dos meus saltos altos.

Termino minha corrida louca mancando. Quebrei um salto. Ao dobrar a esquina, tiro a peruca e respiro um pouco. Este pesadelo acabou. Volto a mim. Recuperarei meus documentos. Então, sinto uma presença atrás de mim. Um cão policial que me seguiu para colocar a coleira e me levar para o canil? Já não quero fugir. Nunca me senti tão só. Viro-me. É o suposto Youki. Mas será realmente o nome dele? E se essa mulher que diz ser a dona não for mais do que uma mentirosa, como eu? De qualquer forma, o poodle está muito feliz em me ver. Ele late alegremente e balança a cauda. Como se não nos víssemos há meses, quando acabamos de nos despedir. Ele até urinou em mim. Parece que ele também já se afeiçoou a mim. Finalmente, não vou precisar da coleira.

Parto novamente com este cão pouco rancoroso. Embora eu tenha que tingi-lo de branco. Ainda não escrevi esse primeiro romance que vai me tornar um escritor, mas pelo menos ganhei um companheiro de viagem. Resta encontrar o caminho. De fato, nem sei se é um cão macho ou fêmea. O tempo está cinza e úmido. Tudo ao meu redor é feio. Nada é certo, mas tudo é possível. Mesmo o pior. O sol não é visto por aqui há muito tempo. Em menos de cinco bilhões de anos, ele estará morto. E a Terra com ele. Mas os cães não sabem disso. Felizes cães ...

**FIM**

## O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque ([comediatheque.net](http://comediatheque.net)). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

## *Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português*

### **Comédias para 2**

A janela da frente  
Cara ou coroa  
Ela e Ele  
Encontro na plataforma  
EuroStar  
Há um piloto a bordo ?  
Nem sequer morto  
No fim da linha  
O Joker  
Os Naufragos do Costa Mucho  
Preliminares  
Réveillon na morgue

### **Comédias para 3**

Crash Zone  
Cuidado frágil  
Méngae à trois  
Plágio  
Por debaixo da mesa  
Sexta-Feira 13  
Um breve instante de eternidade  
Um pequeno assassinato sem consequências  
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no  
vazio para a Humanidade...

### **Comédias para 4**

Apenas um instante antes do fim do mundo  
As Pirâmides  
Cama e Café  
Crise e castigo  
De volta aos palcos  
Denominação de Origem não Controlada  
Depois de nós, o dilúvio!  
Gay friendly  
Há algum crítico na sala?  
Há um autor na sala?  
O amor é cego  
O cheiro do dinheiro  
O contrato  
O cuco  
O genro perfeito  
Quarentena  
Quatro estrelas  
Retrato de família  
Sexta-feira 13  
Strip Poker  
Um caixão para dois  
Um casamento em cada dois  
Uma noite infernal

### **Comédias para 5 ou 6**

Bem está o que mal começa  
Crise e Castigo  
Flagrante delírio  
Nochebuena en la comisaría  
O Rei dos idiotas  
Pronóstico Reservado  
Réveillon na esquadra  
Sem flores nem coroas

### **Comédias para 7 ou mais**

A pior aldeia de Portugal  
A representação não está cancelada  
Batas brancas e humor negro  
Bem-vindos a bordo!  
Como um filme de Natal...  
Corações Abertos  
Crise e Castigo  
Dedicatória Especial  
Erro da funerária a teu favor  
Jogo de Escape  
O Jackpot  
Milagre no convento de Santa Maria-Joana  
Pré-histórias Grotescas  
Réveillon na esquadra  
Uma herança pesada  
Xequé-Mate

### **Comédias de sainetes (sketches)**

Breves do tempo perdido  
Cenas de rua  
Corações Abertos  
Ela e Ele  
Morrer de Rir

### **Monólogos**

Como um peixe no ar

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez  
podem ser baixadas livremente no seu site :*  
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.  
Todas as contrafações são puníveis,  
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Abril de 2024

© La Comédiathèque  
ISBN 978-2-38602-200-5

Documento para download gratuito